

## Seguindo os rastros de uma vida: uma reflexão a partir da trajetória da militante e deputada Irma Passoni

Roger Camacho Barrero Junior

Fundação Getúlio Vargas (FGV)  
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

[r.cb.j@hotmail.com](mailto:r.cb.j@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-4054-127X>

Following a Life Tracks: a Reflection From the Trajectory of the Militant and Congresswoman Irma Passoni

**Resumo:** Irma Passoni atuou como deputada federal além de ser uma das fundadoras do Movimento do Custo de Vida (MCV) em 1973. Ao pesquisar sua vida tivemos acesso a fontes que nos auxiliaram a refletir sobre a sua carreira e a história dos movimentos da periferia paulistana nos anos 1970 e 1980. Assim, este artigo tem o objetivo de refletir sobre as fontes utilizadas para analisar a trajetória de Irma Passoni e os seus desafios e potencialidades. Além do mais, vale tratar dos caminhos percorridos para levantar essas fontes a fim de contribuir com aqueles que queiram trabalhar com vidas semelhantes.

**Palavras-chave:** Trajetórias de vida; Mulheres; Movimentos Sociais.

**Abstract:** Irma Passoni has worked like congresswoman and was a Brazilian Cost of Living Movement (Movimento do Custo de Vida) (MCV) founder in 1973. When we researched about her life, we had access to documents that helped us to thinking about her career and the São Paulo periferic movements history, in the 70s and 80s. In this sense, this article has the aim to think about documents used to analyse Irma Passoni's life and its challenges and potentialities. By the way, we should to talk about the ways to colect this documents with the objective to help researches that want to work with similar lifes.

**Keywords:** Life Trajectories; Women; Social Movements.

Como contar uma vida? Essa questão vem aparecendo no questionamento de diferentes pesquisadores que se interessaram pela trajetória de uma pessoa<sup>1</sup>. Nos anos 1970, os micro-historiadores abordavam as experiências pessoais como forma de romper com uma visão geral sobre as sociedades. Para tanto, cunharam o conceito de *excepcional-normal* para dar conta de explicar como um indivíduo pode representar, mas ao mesmo tempo se afastar, do meio em que vive<sup>2</sup>. Esses autores contribuíram para a retomada da biografia no campo da História, a qual fora deixada de lado por um período considerável por ter sido associada aos fantasmas dos positivistas e dos metódicos<sup>3</sup>.

Longe de questionar a contribuição dos micro-historiadores, este texto tem o objetivo de refletir sobre a trajetória de uma mulher que atuou na São Paulo dos anos 1970. Trata-se de Irma Rosseto Passoni, nascida em 1943 em Concórdia (Santa Catarina) e descendente de migrantes italianos que aportaram no Brasil no final do século XIX. Ela se mudou para São Paulo em 1959 e se tornou freira em 1965, passando a se chamar Irmã Angélica. Em 1971 deixou o hábito, voltou a utilizar o seu nome de batismo e passou a morar em Vila Remo, vindo a se organizar com suas vizinhas para a construção do Movimento do Custo de Vida (MCV) (1973). Casou-se com o antropólogo Armelindo Passoni (1976), vindo a adotar o seu sobrenome. Com o crescimento do grupo e a possibilidade de ingressarem na política institucional, o MCV escolheu membros para lançar como candidatos em 1978. Assim, Irma foi eleita e tomou posse no ano seguinte. Em 1980 participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e conseguiu se tornar deputada federal em três mandatos consecutivos. Após deixar o parlamento (1995) ainda atuou como assistente no Ministério das Comunicações (1995 – 1996) e participou da fundação do Instituto de Tecnologia Social (ITS) (2001),

---

<sup>1</sup> Este artigo é produto de reflexões produzidas a partir de um doutorado que se debruçou sobre a trajetória da militante e ex-deputada federal Irma Passoni e outras duas mulheres, além de um trabalho de pós-doutorado que trata da organização, difusão e usos de arquivos pessoais. Os resultados do primeiro trabalho foram divulgados na tese: Roger Camacho Barrero Junior. *Entre lágrimas, sorrisos e muita luta: a inserção das mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das trajetórias de três militantes de esquerda: Lélia Abramo (1911-2004), Luíza Erundina de Sousa (1934-) e Irma Passoni (1943-)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

<sup>2</sup> Edoardo Grendi. "Microanálise e História Social", in: Mônica Ribeiro Oliveira e Carla Maria Carvalho Almeida (org.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009, pp. 19-38.

<sup>3</sup> François Dosse. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009; Benito Bisso Schmidt. "História e Biografia", in: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 187-205.

com o intuito de promover o acesso das camadas populares à tecnologia e informação.

A princípio, a História Oral se mostrou necessária para dar início ao trabalho, pois apesar de ter sido deputada, Irma não possuía tantas menções na imprensa como outras de suas companheiras de partido. Após o levantamento de relatos publicados em livro<sup>4</sup> e mesmo da realização de entrevistas, o Arquivo da Cúria Arquidiocesana de São Paulo e a coleção do Clube de Mães da Zona Sul (CEDEM-UNESP) se mostraram profícuos para tal empreitada. O primeiro possuía toda a coleção do jornal *O São Paulo*, e o segundo caderno com anotações, cronogramas, folhetos e recortes de jornal sobre a atuação do MCV. Nesse sentido, foi possível encontrar menções à Irma, bem como às atividades que realizou. Também, foi possível encontrar materiais de campanha e alguns de seus discursos. Como o movimento foi dissolvido por volta de 1982<sup>5</sup>, tivemos de buscar por outras fontes. Assim, chegou-se à imprensa oficial e às transcrições da Câmara dos Deputados, os quais possuem transcrições de discursos. Apesar do considerável material levantado, foi importante a construção de laços de confiança entre o pesquisador e a biografada.

Irma concedeu três entrevistas no decorrer da pesquisa (2016, 2018 e 2019), mas não as analisaremos aqui. Todavia, vale mencionar o uso dessas fontes e a potencialidade que possuem para o estudo da vida de uma liderança de bairro. O limite temporal neste artigo encerra-se após Passoni deixar o Congresso Nacional. Depois de ingressar no ITS, Irma passou a produzir textos em formato digital, os quais entram em outra esfera de análise. Tendo isso em vista, o artigo aqui presente terá como limite a sua atuação em movimentos de bairro e na política institucional. Ele está dividido pelas fontes a que tive acesso, produto das etapas da vida de Irma. Se o conteúdo das fontes ajuda a compreender e analisar uma vida, os suportes em que foram criadas também fornecem informações preciosas.

## **Depoimentos, folhetos e cadernos com anotações**

Em 2006, os pesquisadores Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes entrevistaram militantes do PT para analisar a história do partido, publicando o resultado em 2008. Para tanto, foram escolhidas pessoas

---

<sup>4</sup> Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes (org.). *Muitos caminhos, uma estrela: memórias de militantes do PT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

<sup>5</sup> Thiago Nunes Monteiro. *'Como pode um povo vivo viver nesta carestia': o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982)*. São Paulo: Humanitas, 2017.

que participaram de seu ato de criação ou que fizeram carreira ali, sendo Irma uma das escolhidas. Tal fonte mostra-nos como a memória e é uma ferramenta interessante para trabalharmos com trajetórias de vida, na medida em que apresenta sentimentos e pontos de vista pessoais em relação a certos fatos ou processos políticos. Ao conceder o relato, a militante já havia sido deputada estadual e federal, além de deputada constituinte e assessora no Ministério das Comunicações, fazendo com que as suas lembranças fossem encadeadas por essas experiências, bem como pelos repertórios construídos no decorrer de sua vida. Vejamos como ela inicia o seu relato:

Eu sou de Concórdia, Santa Catarina, minha família era de comerciantes. Vim para São Paulo em 1959; estudei num colégio que hoje se chama Instituto Beatíssima Virgem Maria. A congregação que mantém esse nome foi fundada por Mary Ward, na Inglaterra, uma religiosa que não se dedicava à clausura, mas sim à educação. Fui religiosa até 1971. Sou formada em pedagogia [...] e atuei sempre na educação. Comecei lecionando no Instituto Beatíssima Virgem Maria, no bairro do Brooklin, na cidade de São Paulo, em 1972, 1973 e depois [...] lecionei na rede estadual de educação de São Paulo. Também tenho especialização na área de administração e treinamento de pessoal, recursos humanos. Trabalhei [...] junto a uma empresa prestadora de serviços, multinacional, depois na Clínica Infantil do Ipiranga e no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, em treinamento e capacitação de pessoas na área de desinfecção hospitalar. Em 1975, por aí, eu voltei para a educação pública do Estado de São Paulo, como professora concursada<sup>6</sup>.

Apesar de Irma falar brevemente sobre os seus familiares, podemos pinçar alguns dados sobre a sua origem. Logo de início, ela expõe que seus pais eram comerciantes e que viveu com eles em Concórdia. Apesar de não especificar em sua fala, eles eram descendentes de migrantes italianos que se instalaram no nordeste do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX<sup>7</sup>. Tal informação pode ser inferida pelo seu sobrenome Rosseto, mas também pelo portal da Câmara dos Deputados,

---

<sup>6</sup> Irma Passoni. "Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006", in: Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes (org.). *Muitos caminhos, op. cit.*, pp. 313-314.

<sup>7</sup> Roger Camacho Barrero Junior. *Entre lágrimas, sorrisos, op. cit.*, p. 130-131.

o qual possui sua biografia<sup>8</sup>. Como a memória possui suas lacunas, é interessante atentar para o fato de que Irma não estava apartada de um meio social e, para tanto, devemos colher informações em outras fontes. Nesse sentido, há também estudos que se debruçaram sobre a migração italiana no interior gaúcho, os quais podem ajudar a compreender a sua família. A partir de análises como as de Arlene Renk<sup>9</sup> e Regina Weber<sup>10</sup> identificamos que grupos estrangeiros se deslocavam constantemente pelo interior devido a conflitos por terra ou oferta de trabalho. Uma das razões para a fixação deles no oeste catarinense foram as políticas de ocupação territorial promovidas pelo governo, as quais tinham o intuito de ocupar uma região conflituosa<sup>11</sup>. Apesar do favorecimento à presença de europeus para substituir a mão de obra africana desde meados do século XIX, não podemos dizer que todos os italianos tinham condições de se fixar onde bem entendessem, pois muitos chegavam em situação de pobreza e estavam sujeitos aos interesses das elites que ocupavam aquelas porções de terra. Nesse sentido, é importante entender que a família Rossetto já estava no Brasil a duas gerações e que talvez por isso teve a possibilidade de estabelecer comércio em Santa Catarina, desconstruindo assim percepções que colocavam esses sujeitos como aqueles que *fizeram a América*, memória esta gestada em parte por seus descendentes<sup>12</sup>.

Apesar de cogitarmos as razões que levaram a família de Irma a se fixar em Concórdia, essas informações não aparecem na memória dela, seja por terem sido esquecidas no momento da sua entrevista ou mesmo por acabarem sendo preteridas por outros fatores, como a chegada em São Paulo (1959). Dessa forma, é interessante perceber que ela estabelece a militância como o elo de sua trajetória. Como indivíduo, Irma construiu seus próprios caminhos com aquilo que lhe foi possível, o que inclui seu olhar sobre eles. Dessa maneira, ela deslocou sua fala de Santa Catarina para São Paulo, fazendo com que os entrevistadores solicitassem detalhes sobre a sua juventude:

*Vamos voltar um pouquinho. Como foi o nascimento de sua vocação religiosa?*

---

<sup>8</sup> Câmara dos Deputados. *Biografia do Deputado. Irma Passoni*. Página Online. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/133915/biografia> Acesso: 14/08/2023.

<sup>9</sup> Arlene Renk. "A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros". *Revista Cadernos do Ceom*, 23 (2014), pp. 37-72.

<sup>10</sup> Regina Weber. "Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações". *Dimensões*, 18 (2006).

<sup>11</sup> Arlene Renk. "A colonização do oeste catarinense", *op. cit.*

<sup>12</sup> Regina Weber. "Imigração e identidade étnica", *op. cit.*

Eu vim de Santa Catarina para estudar e ingressei na vida religiosa propriamente dita em 1965. Nesse período, participei de um curso superior de Pastoral Catequética, que incluiu estudos aprofundados de todos os documentos desde o Concílio Vaticano II: documentos da Conferência de Medellín, documentos dos bispos do Brasil, Estudos Bíblicos, etc. Tais estudos nos levaram a uma revisão do ponto de vista do compromisso da Igreja com a sociedade [...]. Esses cursos eram marcados de compromisso de fé e engajamento social muito forte. A partir daí, formatamos o processo da construção das comunidades de base no Brasil [...]. Depois, tínhamos uma ação voltada para a organização das comunidades, em dois vieses: um deles era a educação popular; o outro a organização do grupo de mulheres em Clubes de Mães. Começamos a fazer alfabetização de adultos pelo Método Paulo Freire, que na época era um método absolutamente proibido<sup>13</sup>.

Como diz Alessandro Portelli<sup>14</sup>, os relatos orais são produzidos a partir de uma relação entre quem fala e quem escuta. Nesse sentido, eles são construídos por conflitos e afinidades, os quais se expressam tanto nas perguntas quanto nas respostas. Se Irma foca na sua vida em São Paulo, a pergunta de Moraes e Ferreira a fazem parar, refletir e voltar no tempo. A partir dessa pausa, é possível datar o ano em que ela se tornou freira. Ao ingressar na vida religiosa, ela participou de cursos baseados em eventos como a Conferência dos Bispos de Medellín.<sup>15</sup> A localização desses debates é importante para compreendermos como a militante construiu repertórios durante sua vida escolar, como, por exemplo, aqueles suscitados pela Teologia da Libertação (TdL).

Outra questão que deve ser levada em consideração é o fato de que Irma não optou por estudar em uma instituição progressista por convicções previamente estabelecidas, mas devido às possibilidades que tinha. Seu objetivo era dar prosseguimento aos estudos em outra cidade, o que foi viabilizado pelo fato de que a sua família contava com recursos para enviá-la. A partir da sua chegada a São Paulo teve contato com freiras progressistas podendo, assim, desenvolver outras visões de mundo e projetos pessoais.

---

<sup>13</sup> Irma Passoni. "Entrevista realizada em São Paulo", *op. cit.*, p. 313-314.

<sup>14</sup> Alessandro Portelli. "O que faz a história oral diferente". *Projeto História*, 14 (fev. 1997), pp. 25-39.

<sup>15</sup> Roger Camacho Barrero Junior. *Entre lágrimas, sorrisos*, *op. cit.*, p. 125-126.

Contudo, outros fatores também moldaram o seu campo de atuação. Se em 1959 a arquidiocese de São Paulo era gerida por clérigos com uma leitura conservadora dos textos bíblicos, na primeira metade dos anos 1960 a conjuntura começou a se transformar.

Como a cidade se expandia, a administração da cúria foi dividida em oito regiões episcopais, as quais ficavam sob a gestão de bispos auxiliares, alguns deles com uma postura distinta da arquidiocese, como por exemplo Dom Mauro Morelli. Diferente de outros religiosos, ele incentivava a atuação nos bairros, aproximando a Igreja do cotidiano dos seus moradores.<sup>16</sup> Irmã Angélica (Irma) foi uma dessas pessoas e se direcionou para Vila Remo, um bairro que se formara a pouco tempo na periferia sul da capital paulista. De acordo com Thiago Nunes Monteiro,<sup>17</sup> toda a região começou a ser povoada na década de 1960. Atentos ao seu crescimento, setores da Igreja passaram a ver a necessidade de se fixar ali.

No relato concedido a Moraes e Fortes, Irma parte da sua atuação religiosa para refletir sobre a sua trajetória. A partir desse ponto de vista, o bairro, as CEBs e a militância surgem como fatores interligados, o que talvez seja fruto, dentre outros fatores, dos repertórios construídos no período em que estudou no IBVM. Contudo, outras memórias podem servir para compreendermos o momento em que Irma chegou à região. Ana Dias, moradora do bairro e sua vizinha, relatou ao jornal da Arquidiocese:

No dia 15 de novembro de 1971 duas freiras foram dar curso sobre renovação da Igreja nesta paróquia [...]. A proposta das freiras: que não se ficasse somente neste encontro, mas que continuasse em outros trabalhos. Fundar o Clube de Mães, por exemplo. Tinha muitos Clubes de Mães, mas eram a nível das madames do Rotary Clube, enfim, nada a nível popular [...]. Uma das freiras, irmã Verônica, saiu. Outra, irmã Angélica, continuou com o trabalho. Até que um dia ela teria de receber o voto perpétuo e ficar no convento. Reuniu a comunidade e fez a proposta: deveria voltar para a sua ordem ou ficar com as mães? Depois dessa reunião, ela desistiu de ser freira. Hoje está casada, tem um filho e no mês que vem nascerá o

---

<sup>16</sup> Thiago William Nunes Monteiro. *'Como pode um povo vivo viver'*, op. cit. p. 66-67.

<sup>17</sup> Idem.

segundo filho. Essa moça é deputada estadual, e seu nome é Irma Passoni.<sup>18</sup>



Figura 1 – O São Paulo. “Dona Movimento Contra a Carestia”. (Recorte de Jornal). 1979, p. 10.

Fonte: Coleção CMZS – CEDEM – UNESP.

O relato acima foi concedido anos depois da chegada de Irma a Vila Remo, mas nos ajuda a levantar alguns dados que não aparecem na entrevista concedida a Moraes e Ferreira. Como uma lembrança próxima aos fatos, Ana recordou do momento em que as religiosas chegaram ao bairro sem deixar, contudo, de sofrer a influência do que fora debatido naqueles encontros. As teses de intervenção social e trabalho coletivo da TdL, por exemplo, surgem como referências em sua fala. No momento em que Ana Dias deu esse depoimento, a Arquidiocese de São Paulo estava sendo gerida por Dom Paulo Evaristo Arns, um religioso progressista, o que influenciaria nas matérias publicadas pelo seu jornal. Essa mudança de orientação nos ajuda a compreender o porquê de uma liderança comunitária ter tido espaço para expor suas lembranças em um meio de comunicação oficial da Igreja Católica.

O texto em questão foi recortado e preservado pelos membros do MCV a fim de registrarem o seu trabalho, além de ter sido arquivado junto a outros fragmentos que deram origem a um arquivo com notícias e materiais produzidos pelo grupo. Preservado hoje pelo CEDEM da UNESP, esse acervo a princípio foi guardado na igreja do bairro. Nesse sentido, é importante atentar para o fato de que os movimentos pelos quais Irma transitou produziram acervos, textos e anotações a fim de acompanhar as suas ações e mesmo organizar as suas atividades, o que pode servir para analisarmos a sua história, dos movimentos sociais paulistanos, ou mesmo da trajetória dos indivíduos ali presentes. Por exemplo, há

<sup>18</sup> O São Paulo. “Dona Movimento Contra a Carestia”. (Recorte de Jornal). 1979, p. 10. Coleção CMZS – CEDEM – UNESP.

cadernos com anotações que mostram a rotina do grupo e as funções exercidas por seus membros. O nome de Irma e de seu esposo, por exemplo, aparecem em conjunto na função de organizadores de reuniões e encontros.<sup>19</sup> Como indícios do cotidiano, essas fontes fornecem informações não apenas sobre as atividades realizadas, mas também sobre os seus integrantes.

Para compreender essas memórias, é interessante atentar para a conjuntura social do bairro em que elas viviam. Nesse sentido, a Prefeitura de São Paulo divulga mapas e estudos sobre o crescimento populacional e a história da sua ocupação territorial, os quais foram produzidos pela Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano.<sup>20</sup> Essas informações podem ajudar a compreender alguns dos problemas elencados por esses sujeitos na medida em que oferecem um panorama geral daquele momento, bem como a formação de novas concentrações populacionais, como foi o caso de Vila Remo. Contudo, elas não dão conta de identificar de fato os seus problemas de infraestrutura, cabendo ao historiador buscar outras fontes. Para tanto, Thiago Nunes Monteiro<sup>21</sup> mostra que essas regiões sofriam com a falta de saneamento básico, transporte e asfalto, o que ocorria em parte pelo seu crescimento nos anos 1960 e 1970.

Ao decidir morar em Vila Remo, Irma diferia de muitos dos moradores do bairro por ser oriunda de Santa Catarina e vir das classes médias, tendo tido a possibilidade de ingressar no ensino superior e trabalhar na área da educação. Tal fato ajuda-nos a desconstruir homogeneidades sobre os movimentos de bairro, na medida em que mostram casos que se afastam do padrão. Mesmo assim, Irma não seria totalmente diferente de suas vizinhas, pois compartilhava de experiências e referências comuns. Da mesma maneira, ela pode ser uma religiosa progressista semelhante a outras por decidir se deslocar para atuar na formação de Comunidades Eclesiais de Base, mas, ao mesmo tempo, se afastaria ao optar por largar o hábito e formar família na região. Essas dissonâncias provavelmente produziriam conflitos, o que é compreensível quando tratamos da composição heterogênea de um grupo social.

---

<sup>19</sup> Coordenação do MCV. *Caderno Ata*. 1976 – 1978. Coleção CMZS – CEDEM – UNESP.

<sup>20</sup> Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa. *Mapa da expansão da área urbanizada da região metropolitana de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Planejamento, 2003. Disponível em:

[http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/1920.php](http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1920.php) Acesso: 26/07/2023.

<sup>21</sup> Thiago William Nunes Monteiro. *'Como pode um povo vivo'*, *op. cit.*, p. 77.

## **A coleção do Clube de Mães e a imprensa**

Na Zona Sul de São Paulo, Irma fazia sua campanha para a Assembleia Legislativa do Estado (ALESP). Em meio ao MCV, as articulações em torno do seu nome e de Aurélio Peres mobilizavam uma parcela dos moradores da Vila Remo, os quais buscavam se organizar agora por meio da via institucional<sup>22</sup>. A partir desse momento, a imprensa de grande circulação passa a acompanhar mais de perto o grupo, trazendo-nos informações interessantes para mapear a trajetória da nossa personagem. Acompanhando os noticiários, os membros do MCV recortaram uma notícia que expunha os seguintes trechos da sua fala:

Segundo Irma Passoni, o principal mérito do movimento foi ter levado a conscientização, a nível político, a amplas camadas da população. "Através da mobilização e da grande discussão nos bairros, a população começou a perceber que o ponto nevrálgico dos problemas do país era a questão político-econômica [...]. O movimento surgiu criticando a política econômica do governo e traduziu, em linguagem simples, problemas complicados como a dívida externa, o arrocho salarial, o avanço das multinacionais no país" [...]. Às vezes, nem ao menos éramos recebidos nos gabinetes oficiais. Este governo não se guia pelos interesses do povo brasileiro, mas sim em função de um grupo privilegiado."<sup>23</sup>

A visibilidade que Irma ganhou naquele momento permite-nos pinçar algumas informações. Como meios de comunicação de massa, eles acompanhavam o cenário eleitoral e, por isso, entrevistavam os envolvidos, mesmo que muitas vezes contrários aos seus interesses, o que não passou despercebido pelos integrantes do MCV. Nesse sentido, é importante notar como os membros do movimento reconheciam a militante como sua liderança, na medida em que levantaram um volume considerável de informações sobre o seu trabalho. Contudo, essa virada (de fora para dentro da política institucional) não foi bem recebida por todos, o que foi notado pela imprensa, a qual atentou para as tensões decorrentes da indicação de Irma e Aurélio para a ALESP. Em um recorte de jornal coletado pelo MCV é possível ler:

---

<sup>22</sup> Idem. pp. 119-120.

<sup>23</sup> *Folha de São Paulo*. "62 entidades se uniram para a eleição de Irma". (Recorte de Jornal). 27 de agosto de 1979. Coleção CMZS – CEDEM – UNESP.

O Movimento do Custo de Vida, que se tornou conhecido nacionalmente por seu abaixo-assinado encaminhado ao governo contra a carestia, e a eleição de um deputado federal e uma deputada estadual pelo MDB nas eleições de 1978, são provas vivas da força política das comunidades eclesiais de base, em São Paulo.

Apesar da oposição do Bispo da Zona Sul, Dom Mauro Moreli, que gostaria que o Movimento Custo de Vida não fosse atrelado a candidaturas e conservasse a natureza de movimento político sem ser partidário, seus militantes, ligados às comunidades do bairro de Vila Remo [...] elegeram o operário metalúrgico Aurélio Peres e a professora Irma Passoni com expressivas votações [...].<sup>24</sup>

De acordo com Thiago Nunes Monteiro<sup>25</sup>, militantes acusaram Irma e Aurélio de terem decidido se candidatar sem consultar as bases. Mesmo assim, ambos se elegeram com os votos dos seus pares e reforçaram seu compromisso de representar o movimento e suas pautas. Ao observar essas fontes, percebemos que a vida de Irma deixou rastros, mas cabe a nós, historiadores, levantar e analisar essa documentação. Ao tratarmos de uma liderança comunitária, contamos com sua memória, o material produzido pelos seus pares e a imprensa. Cadernos com anotações, recortes de jornal e textos mimeografados compõem o acervo construído pelos Clubes de Mães da Zona Sul de São Paulo e pelo MCV, os quais nos trazem indícios do cotidiano e das atividades realizadas por esses sujeitos. Contudo, ao se tornar deputada, Irma passa a ganhar visibilidade, o que gera mais documentos, seja pela imprensa paulista ou pela própria casa legislativa. Como parlamentar eleita, Irma passa a discursar na tribuna da ALESP, falas essas que foram transcritas pelos funcionários da instituição e publicadas em Diário Oficial, outro meio profícuo para acompanhar os seus passos.

## **Discursos, fichas e relatos de memória**

Em meio a discussões realizadas por agremiações de esquerda e movimentos operários, a recém-eleita deputada estadual Irma Passoni

---

<sup>24</sup> *Jornal do Brasil*. "Movimento do Custo de Vida faz deputados". Primeiro Caderno. (Recorte de Jornal). 28 de janeiro de 1979. p. 18. Coleção CMZS – CEDEM – UNESP.

<sup>25</sup> Thiago William Nunes Monteiro. *'Como pode um povo vivo'*, op. cit., p. 119-120.

discursou na plenária da ALESP sobre as mobilizações no ABC Paulista e o sindicalismo no Brasil:

Os últimos acontecimentos de março no ABCD mostram com clareza coisas de que se suspeitava, coisas que se sabia e, também, coisas que se tinha medo. [...] pelo menos desde a greve dos metalúrgicos da Capital, Guarulhos, Osasco, durante a última campanha salarial no fim do ano passado, é que o despreparo para o exercício da democracia por parte de um dos pilares do regime – o empresariado – ultrapassa os limites do imaginável. O empresariado se refugiou, à primeira dificuldade, à sombra do Ministério do Trabalho, se refugiou no formalismo ultrapassado de uma legislação fascista [...]. A política de arrocho salarial tem retirado do trabalhador, de ano para ano, partes importantes de seu salário, tem reduzido suas condições de sustento, tem aumentado a fome.<sup>26</sup>

Como parlamentar, Irma teve a sua fala registrada pela ALESP. Diferente das notas publicadas pela imprensa, agora ela tinha um campo maior para se expor e apresentar suas ideias. Ao se tornar parlamentar, Irma pôde se aproximar de deputados que também se identificavam com suas pautas. Naquele mesmo dia, o deputado Sérgio Santos (MDB) disse:

Nobre Deputada Irma Passoni, congratulo-me com V. Exa., na oportunidade em que uso da palavra pela primeira vez, para colocar aos companheiros do Movimento Democrático Brasileiro e também aos companheiros e colegas da Aliança Renovadora Nacional que sou testemunha que essa deputada, durante a greve dos trabalhadores metalúrgicos, teve uma atuação muito importante no movimento [...] na situação em que se encontra, nas madrugadas, enfrentava o policiamento que tentava parar a greve, que tentava contribuir com os patrões e, inúmeras vezes, dialogava com os policiais presentes corajosamente, no sentido de proteger o direito de greve, no sentido de fazer com que os trabalhadores

---

<sup>26</sup> Irma Passoni. "Discurso pronunciado na 11ª sessão ordinária, do dia 19/04/1979". 25 de abril de 1979. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. p. 82. Disponível em: [https://www.imprensaoficial.com.br/DO/HomeDO\\_2\\_0.aspx#22/07/2023](https://www.imprensaoficial.com.br/DO/HomeDO_2_0.aspx#22/07/2023) Acesso: 14/08/2023.

conseguissem levar até o fim a sua greve, que é um legítimo direito dos trabalhadores, hoje, neste país.<sup>27</sup>

O olhar de seus pares fornece não apenas pistas sobre sua atuação, mas também sobre a maneira como esta foi recebida pela ALESP. Sérgio Santos atribui à Irma qualidades como a coragem e a capacidade de diálogo, além de ressaltar o fato de que a deputada estava grávida, mas que mesmo assim se expôs ao perigo na porta daquela fábrica. Diferente do que a imprensa fez na campanha de 1978, a intenção de Sérgio Santos foi de exaltar o trabalho de Irma ao dizer que, apesar de sua gravidez, ela não deixou de se fazer presente naquela greve.



Figura 2 – S/A. Irma em frente à fábrica da Volkswagen durante greve (1979).  
Fonte: Acervo pessoal de Irma Passoni.

A imagem em questão passou a apoiar a memória pessoal de Irma, servindo igualmente para a elaboração das lembranças de outros militantes. Ao observarmos a fonte, vemos que ela não foi posada e, portanto, não foi construída com o intuito de gerir uma autoimagem. Por outro lado, ela foi posteriormente apropriada pela parlamentar e outras pessoas. Como exemplo, Irma chegou a citar a fotografia em seu depoimento concedido aos pesquisadores da Fundação Perseu Abramo:

Na greve de 41 dias, nós das comunidades organizamos a coleta de alimentos e levamos um caminhão de alimentos para os Sindicalistas do ABC. Nós, como deputados do MDB, fizemos piquetes nas greves do ABC em 1979, para contribuir para que os operários não fossem reprimidos pela polícia. Eu até tenho uma foto minha na frente da fábrica da Volkswagen, entre a cavalaria militar e os operários às 4h30 da manhã. Eu

---

<sup>27</sup> Sérgio Santos. "Discurso pronunciado na 11ª sessão ordinária, do dia 19-4-79". 25 de abril de 1979. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, op. cit. p. 82.

estava grávida de nove meses [...]. Os deputados Suplicy, Marco Aurélio, Sergio dos Santos, eu etc. éramos solidários, permanentemente, com todas as greves e com a construção da luta operária do ABC<sup>28</sup>.

Com base nesse relato, é interessante notar como a militante se utiliza do local onde os fatos se desenrolaram para transmitir memórias. Essa fonte foi preservada pela própria militante em seu acervo pessoal. Esses arquivos são meios profícuos para trabalharmos com sujeitos oriundos dos movimentos populares na medida em que expõem dados muitas vezes omitidos pela imprensa ou pelo governo. Contudo, tratamos neste caso de uma pessoa que pôde guardar seus papéis devido, mas não somente, ao seu trabalho como parlamentar, visto que sua equipe levantou informações sobre o seu trabalho e como este estava sendo acompanhado pela imprensa. Mesmo assim, aquilo que uma pessoa preserva pode dizer muito sobre a imagem que ela tem de si, na medida em que não deixa selecionar o que vai, ou não, ser guardado, apesar de não ser fruto unicamente desse processo. Longe de ser construído por uma seleção premeditada, esses arquivos se constroem por meio daquilo que se acumulou no decorrer de uma vida<sup>29</sup>.

Outro dado interessante é a maneira como as forças de repressão acompanharam o trabalho de Irma enquanto deputada. O DEOPS pôde observá-la com mais facilidade e produzir fichas e dossiês com tais informações. Assim, é interessante notar que ao mesmo tempo em que a *Folha de São Paulo* noticiava a sua participação em um ato no Centro de São Paulo, a polícia registrava essa mesma informação em uma ficha. De acordo com o jornal:

A deputada estadual Irma Passoni, que falou em nome dos parlamentares, ressaltou que “o povo novamente conquistou a praça”. Já que, no ano passado, a manifestação programada para o mesmo local fora proibida pelas autoridades policiais. Ao final do ato, que foi até mesmo protelado pelos organizadores para evitá-la, cerca de 500 pessoas – a maior parte estudantes – saíram em passeata, contrariando os apelos feitos ao microfone. Embora o diretor do Deops [...] tenha dito à deputada Irma Passoni que, se houvesse passeata, ela seria reprimida, registrou-se apenas o

---

<sup>28</sup> Irma Passoni. “Entrevista realizada em São Paulo”, *op. cit.*, p. 320.

<sup>29</sup> Ana Maria de Almeida Camargo. “Arquivos pessoais são arquivos”. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 45 (2009), pp. 26-39.

acompanhamento dos manifestantes por “peruas” do órgão policial<sup>30</sup>.



Figura 3 – *Folha de São Paulo*. “Três mil vão à manifestação”. 27 de agosto de 1979. (Recorte de Jornal).

Fonte: Coleção CMZS – CEDEM – UNESP.

Segundo Antônio Luigi Negro e Alexandre Fortes, desde os anos 1930 era comum a troca de informações entre a imprensa e a polícia. A intenção desse acordo seria de auxiliar na busca por sujeitos considerados como potencialmente perigosos aos interesses desses grupos e das elites políticas e econômicas. As fontes do DEOPS expressam os imaginários e pontos de vista de um grupo específico, os quais não deixavam de se apropriar daquilo que era debatido nas ruas. Apesar da constatação de que havia troca de informações entre jornais e policiais, podemos dizer que o DEOPS conseguiu observar a parlamentar por meio do que viram de perto naquele ato<sup>31</sup>. O trabalho de Irma na ALESP lhe abria mais espaço para se expressar, podendo assim expor os seus pontos de vista. Tal fato, contudo, chamaria a atenção da polícia, a qual não deixou de acompanhá-la.

## **Materiais de campanha, imprensa e conflitos de interesse**

Como candidata a um cargo eletivo e membro de um partido político, Irma teve seu trabalho registrado em folhetos e materiais de campanha, os quais reverberavam as principais pautas do Partido dos

<sup>30</sup> *Folha de São Paulo*. *Três mil vão à manifestação*. 27 de agosto de 1979. (Recorte de Jornal). Coleção CMZS – CEDEM – UNESP.

<sup>31</sup> Alexandre Fortes e Antonio Luigi Negro. Esquerda e direita: fontes nacionais para a História social. *Métis: história & cultura*, v. 3, n. 5, 2004.

Trabalhadores (PT). Todavia, ela não precisava ser apresentada como uma novidade pela agremiação, pois já era deputada estadual desde 1979. Nesse sentido, Irma era resistente à interferência de sujeitos de classe média nas atividades dos movimentos de bairro, o que não deixou de ser questionado pelo jornal *Mulherio* em 1982:

- *Você é feminista, Irma?*
- Sim, mas não assumo o feminismo da Federação das Mulheres, por exemplo. Assumo a necessidade de discussão específica dos problemas das mulheres, assim como dos problemas dos negros, pelo conjunto da sociedade. Estou convencida de que não exista mudança política e econômica real no país sem a participação da mulher. Nós temos sido muito utilizadas pelo sistema para breçar mudanças no país, como em 64, daí a urgência de nos conscientizarmos para interferir decisivamente no processo atual de mudança e no que vem depois<sup>32</sup>.



Figura 4 – *Mulherio*. “Irma Passoni, candidata a deputada federal pelo PT – SP”. Ano 2, n. 9, setembro – outubro 1982, p. 9.

Fonte: Fundação Carlos Chagas.

A imprensa alternativa também passou a acompanhar Irma mais de perto. Como meio para a divulgação de ideias censuradas/silenciadas pelo governo e pelos grandes jornais, esses veículos davam espaço para lideranças comunitárias, como era o seu caso. Além de ressaltar o seu distanciamento com a Federação das Mulheres, Irma destaca que grupos femininos de classe média foram utilizados como massa de manobra para

<sup>32</sup> *Mulherio*. “Irma Passoni, candidata a deputada federal pelo PT – SP”. Ano 2, n. 9, setembro – outubro 1982. p. 9. Fundação Carlos Chagas. Acervo Digital. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/mulherio-home/> Acesso: 14/08/2023.

o golpe de 1964. Apesar de já ser vista como representante das mulheres nas eleições de 1982, esse pertencimento ganhou ainda mais espaço nas eleições de 1986, tendo em vista a formação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Dentre o material de campanha produzido naquele ano foi ressaltado que:

Dois projetos da Deputada Irma Passoni, tratando dos interesses da mulher trabalhadora, mobilizaram a atenção da Câmara este ano. Trata-se do projeto nº 317/85, que concede à trabalhadora rural aposentadoria por tempo de serviço aos 25 anos de serviço. E do projeto nº 5584/85, que elimina discriminações contra as empregadas domésticas<sup>33</sup>.



Figura 5 – Partido dos Trabalhadores. O sentido da caminhada. (Material de Campanha). 1986.

Fonte: Acervo Pessoal de Irma Passoni.

O texto apresenta Irma como uma representante das mulheres trabalhadoras. Seu material de campanha também ressalta os cargos ocupados por ela nos anos anteriores, como, por exemplo, a sua escolha como líder da bancada na Câmara dos Deputados. Sobre o fato, o folheto expunha uma fala do jurista Hélio Bicudo, o qual era católico e contrário a pautas referentes ao corpo e à sexualidade femininas, reforçando o afastamento de Irma com o feminismo de classe média, reaproximando-a, por outro lado, das CEBs e grupos religiosos:

A deputada Irma Passoni tem o reconhecimento do PT e da Classe Trabalhadora, pelo seu desempenho na Câmara Federal. Como participante da bancada e como sua líder, [...]

<sup>33</sup> Partido dos Trabalhadores. *O sentido da caminhada*. (Material de Campanha). 1986. Acervo Pessoal de Irma Passoni.

tem dado significativa contribuição na luta pela construção de um Estado Democrático. Identificada com a questão da terra, não tem deixado um instante sequer de apoiar o clamor popular que reivindica o direito de acesso à terra, em busca de uma reforma agrária que seja instrumento de justiça e de paz para todos os brasileiros<sup>34</sup>.

O processo de abertura política dava a tônica da campanha. Contudo, Bicudo acena também para os trabalhadores do campo ao tratar da possibilidade da realização de uma reforma agrária no Brasil. Tal estratégia poderia estar embasada no fato de que Irma havia participado de movimentos por moradia. Assim, ele estabelecia uma relação da ocupação de terras na cidade com os problemas vividos no campo. Todavia, o gênero não deixou de ser pontuado em seu material, cabendo a Eduardo Suplicy tratar da questão:

Como líder do PT na Câmara Federal, lutou com muita firmeza para que jamais fossem feridos os princípios em defesa da democracia, de retidão e dos interesses da maioria do povo brasileiro. Irma Passoni, ademais, tem sido um exemplo de participação da mulher na vida política. Na Constituinte, sua presença será uma necessidade<sup>35</sup>.

É interessante como diferentes pontos de vista podem surgir num mesmo folheto de campanha política, o qual não deixaria de servir como ferramenta para aproximar a candidata de diferentes sujeitos e moldar assim uma base eleitoral mais ampla. Em meio a laços de tensão, Irma se tornou constituinte em 1986. Apesar de negar o feminismo de classe média, o mandato de Irma era composto por movimentos de mulheres, o que impactava na maneira como ela se posicionava. Após a Constituinte, Irma passou a trabalhar com outros projetos e foi lançada mais uma vez como deputada federal em 1990. Em seu material de campanha foram utilizados depoimentos de lideranças do PT. Dentre eles estava a prefeita Luíza Erundina:

Conheci Irma Passoni muitos anos atrás nos movimentos populares. Ela é uma mulher de muita coragem e muito civismo. Na Câmara Federal, Irma realizou um trabalho muito importante, dando continuidade aos seus compromissos de

---

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Idem.

luta junto aos trabalhadores. Ela tem dado também uma ajuda muito grande à Frente Nacional de Prefeitos. Além disso, Irma é um dos símbolos da luta das mulheres em defesa de nossos direitos e contra a discriminação<sup>36</sup>.



Figura 6 – Partido dos Trabalhadores. *Por que apoiamos Irma Passoni*. (Material de Campanha). 1990.  
Fonte: Acervo Pessoal de Irma Passoni.

Com um governo com presença expressiva de feministas de classe média<sup>37</sup>, a prefeita acena não apenas para o eleitorado de sua companheira, mas também para o seu. Líderes religiosos e militantes de movimentos de base também foram chamados para declarar o voto em Irma Passoni. A atuação na Constituinte concluiria a apresentação do material, relacionando a candidata às oposições à ditadura e ao processo de abertura política brasileira. Ao mesmo tempo, o bispo da Lapa, Dom Fernando Pentecado, também apareceu no folheto:

Ser político cristão é interessar-se pelo bem comum, e o primeiro bem comum é a vida, a defesa da vida. Assim é que eu vejo Irma Passoni, a quem conheço faz vinte anos. Como parlamentar, Irma continua a responder ao apelo de servir aos pobres, de defender os operários, de gritar pela justiça e de

<sup>36</sup> Partido dos Trabalhadores. *Por que apoiamos Irma Passoni*. (Material de Campanha). 1990. Acervo Pessoal de Irma Passoni.

<sup>37</sup> Maria do Carmo Godinho Delgado. *Estrutura de Governo e Ação Política Feminista: A experiência do PT na Prefeitura de São Paulo*. São Paulo: Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

construir assim um mundo como Deus pede a ela a serviço de seus irmãos mais carentes<sup>38</sup>.

Do lado oposto de Erundina e das feministas que compunham o seu governo vemos, a fala de um representante da Igreja Católica que trata brevemente do direito à vida, o que provavelmente seria uma analogia à sua oposição ao aborto. Se de um lado os movimentos de mulheres surgem como prioridade, por outro os religiosos também entram em cena. Como parlamentar, ela teria de conciliar esses interesses, o que reverberava tanto na construção do seu material de campanha.

Após observar essas fontes, cabe realizar alguns apontamentos. Primeiro, todos os materiais de campanha analisados nesta seção foram encontrados no acervo pessoal de Irma Passoni, fazendo-nos refletir sobre a maneira como ela observa o seu passado. Por fim, essas fontes representam objetos que possuem valor simbólico para sua proprietária, cabendo a quem pesquisa ter ética e respeito ao solicitar acesso. Apesar de tratarmos de alguém que se tornou parlamentar, esse método de abordagem pode servir para o trabalho com aquelas que não foram citadas por jornais, pois tratamos aqui do estudo da trajetória de alguém vivo e que ainda está reformulando a sua relação com o passado. Cada caso é único, mas apesar de não haver fórmula ou regra geral, podemos contribuir ao expor exemplos de trabalhos que geraram resultados profícuos.

Retomando o questionamento feito no início deste artigo, repito: como contar uma vida? Não há um modelo pré-estabelecido. O que nós, historiadores, podemos fazer é buscar compreender as relações entre os sujeitos, a sociedade e o tempo, a fim de responder nossos próprios anseios. Essa tarefa se torna desafiadora quando dispomos de poucas informações, como é o caso de muitas lideranças de bairro. Contudo, não devemos entender a questão como um impedimento, mas como justificativa para questionar o porquê de tantas pessoas terem sido *apagadas*. A coleção do Clube de Mães da Zona Sul (CEDEM-UNESP) torna-se essencial para levantarmos informações, pois esses grupos coletaram informações para registrar a sua própria história, além de expor suas atividades e cotidiano.

Tendo em vista essas questões, podemos mapear alguns problemas e traçar estratégias para estudar a trajetória dos seus membros. O acervo em questão pode ser um ponto de partida para levantarmos nomes, mas

---

<sup>38</sup> Idem.

também dispomos da imprensa *alternativa*, os quais davam espaço para esses sujeitos em suas colunas, como no caso do jornal *Mulherio*. Todas as suas edições podem ser encontradas em formato digital na página da Fundação Carlos Chagas. Contudo, estamos falando de um caso que destoa, pois Irma deixou rastros também na mídia de grande circulação e na imprensa oficial.

Mesmo assim, possuímos poucos dados sobre a sua vida antes de chegar à São Paulo, cabendo-nos buscar outras fontes e metodologias, como a História Oral, a qual, longe de ser um complemento, serve para nos aproximarmos do ponto de vista dela. Irma teve seu relato publicado em livro, mas, como foi dito anteriormente, não deixei de conversar com ela no decorrer da pesquisa. Os laços criados nessa relação de cooperação abriram as portas para a documentação preservada por ela. Jorge Ferreira, por exemplo, conseguiu documentação para a escrita de uma biografia do presidente João Goulart por meio de contatos estabelecidos em sua visita a São Borja, RS<sup>39</sup>. James Green pôde ver imagens e correspondências de Herbert Daniel por meio do contato estabelecido com sua família<sup>40</sup>. A ideia aqui não é estabelecer uma regra de conduta para acessar acervos pessoais, mas dar exemplos de como o trabalho com trajetórias de vida pode trilhar caminhos distintos a depender de quem conversa conosco. Além de trazer informações muitas vezes desconhecidas pelo pesquisador, as entrevistas podem apontar para fontes que não foram levantadas previamente.

A partir do trabalho de levantamento e análise documental aqui apresentado, podemos refletir sobre as potencialidades e os desafios de trabalhar com uma vida. Como casos que se distanciam do coletivo (mesmo sem deixar de ter relações com ele), as trajetórias de vidas devem ser trabalhadas dentro de suas especificidades. Se algumas pessoas preservam materiais sobre a sua atuação política, outras não o fizeram devido a diferentes motivações. A memória não se manifesta da mesma maneira para todos e se transforma a depender do momento e do local, fazendo com que certos fatos ganhem centralidade agora, mas não depois. Nesse sentido, a abertura que uma pessoa tem para expor sua vida pode variar de acordo com o momento em que for contatada. Os indivíduos sempre nos farão lembrar que as regras podem ser quebradas e que os padrões não definem obrigatoriamente a postura de um sujeito.

---

<sup>39</sup> Jorge Ferreira. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

<sup>40</sup> James Green. *Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel—pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

## Referências

- BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. *Entre lágrimas, sorrisos e muita luta: a inserção das mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das trajetórias de três militantes de esquerda: Lélia Abramo (1911-2004), Luíza Erundina de Sousa (1934-) e Irma Passoni (1943-)*. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.
- BACHRACH, Peter e BARATZ, Morton S. "Duas faces do poder". *Revista de Sociologia e Política*, 40 (2011), pp. 149-157.
- BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica", in: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.
- CÂMARA dos Deputados. *Biografia do Deputado. Irma Passoni*. Página Online. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/133915/biografia> Acesso: 14/08/2023.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. "Arquivos pessoais são arquivos". *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 45 (2009), pp. 26-39.
- DELGADO, Maria do Carmo Godinho. *Estrutura de Governo e Ação Política Feminista: A experiência do PT na Prefeitura de São Paulo*. Tese de Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- EMPRESA Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa. *Mapa da expansão da área urbanizada da região metropolitana de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Planejamento, 2003. Disponível em: [http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/1920.php](http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1920.php) Acesso: 14/08/2023.
- FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. "Esquerda e direita: fontes nacionais para a História social". *Métis: história & cultura*, 5 (2004).
- GREEN, James N. *Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel, pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- GRENDI, Edoardo. "Microanálise e História Social", in: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho (org.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009, pp. 19-38.
- MONTEIRO, Thiago William Nunes. *'Como pode um povo vivo viver nesta carestia': o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982)*. São Paulo: Humanitas, 2017.
- PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". *Projeto História*, 14 (fev. 1997), pp. 25-39.
- RENK, Arlene. "A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros". *Revista Cadernos do Ceom*, 23 (2014), pp. 37-72.
- SCHMIDT, Benito Bisso. "História e Biografia", in: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 187-205.
- WEBER, Regina. "Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceitualizações". *Dimensões*, 18 (2006).

Recebido em: 15/08/2023.

Aceito em: 05/12/2023.